

A LÍNGUA EM USO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA ACERCA DO DISCURSO DE TRÊS EMPRESÁRIOS DO MUNICÍPIO DE CAMOCIM - CE

Amanda dos Reis Vasconcelos ¹
John Carneiro Dias ²
Francisca Elane Costa e Silva ³

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sociolinguística acerca de discursos obtidos através de entrevistas individuais realizadas com profissionais do mercado de trabalho do município de Camocim no Ceará. Os entrevistados, apesar da mesma ocupação profissional, apresentam perfis diversificados, colaborando, assim, para a análise de um discurso rico em particularidades em volta da condição social, da escolaridade e da idade de cada participante. Essas entrevistas baseiam-se em um questionário de 11 perguntas com o tema “educação”, elaborado pelos próprios autores da pesquisa. Para a realização desta análise considera-se os seguintes aspectos: ausência de concordância verbal, regionalismo, colocação pronominal e pleonismo. E para referenciação utiliza-se autores como Bagno (1999), Labov (1972). O estudo também emprega definições e conceitos de heterogeneidade da língua, preconceito linguístico e dos aspectos aqui já citados.

Palavras-chave: Sociolinguística, Análise do discurso, Entrevista, Preconceito linguístico.

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico é um dos tipos de preconceito mais empregados na atualidade, podendo ser considerado um impulso para a exclusão social. Por isso, é indispensável que o falante tenha cautela ao classificar uma palavra dita e/ou escrita como “certo” ou “errado” diante do estudo da Sociolinguística. Esse tipo de preconceito ocorre em virtude das diferenças linguísticas existentes em um mesmo idioma. Comumente, está associado a questões como regionalismo, gírias e sotaques, os quais envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo para serem desenvolvidos continuamente ao longo do tempo.

A presente pesquisa abordará análise e discussão acerca de discursos obtidos através de entrevistas realizadas com profissionais do mercado de trabalho do município de Camocim – CE, além da socialização acerca da Sociolinguística, da heterogeneidade das línguas e do

¹ Graduanda do Curso de Letras – Português/ Inglês do IFCE – Campus Camocim, amandaplte@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Letras – Português/ Inglês do IFCE – Campus Camocim, johnconcourseiro@gmail.com;

³ Professora orientadora: Especialista no Ensino do Português pela UVA; Mídias em Educação pela UFC – IFCE – Campus Camocim, f.elanecs@gmail.com;

preconceito linguístico. A realização deste trabalho é resultado da atividade direcionada aos alunos da disciplina de Sociolinguística do 6º semestre de Letras – Português e Inglês do IFCE – Campus Camocim e tem o objetivo de analisar o discurso proferido pelos entrevistados, levando em conta, na análise, os seguintes critérios: regionalismo, colocação pronominal, pleonasma e ausência de concordância verbal.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho adotamos o método da pesquisa de campo. Para isso elaborou-se um questionário com 11 perguntas relacionadas ao tema “educação”. Esse questionário seria aplicado através de entrevistas individuais, gravadas, em forma de vídeo ou apenas utilizando o gravador de voz, respeitando a vontade e o direito de imagem dos entrevistados. Optou-se pela entrevista gravada para que fosse possível analisar e transcrever exatamente o que o entrevistado falou, sem nenhum tipo de interferência do entrevistador.

É de suma importância destacar que os entrevistados não tiveram nenhum contato com as perguntas antes da entrevista, sabiam apenas que seria relacionada à educação, pois as respostas tinham que ser espontâneas. Levou-se em consideração que ao saber o que seria perguntado o entrevistado teria a preocupação de montar um discurso mais elaborado, perdendo assim a naturalidade. Também optou-se pelo anonimato dos empresários, para garantir a tranquilidade das respostas e para que eles não se sentissem envergonhados ou pressionados.

Após a realização da entrevista foi feita a transcrição das falas e, em seguida, a análise do discurso considerando os seguintes aspectos: ausência de concordância verbal, regionalismo, colocação pronominal e pleonasma. A análise foi apenas do discurso, o conteúdo das perguntas foi apenas o fio condutor para incentivar a fala e, por isso, não será levado em conta.

DESENVOLVIMENTO

A língua é um conjunto de regras variáveis e categóricas que a tornam um sistema de comunicação que possibilita que determinado grupo de falantes consiga produzir enunciados que lhes permitam comunicar-se e compreender-se. Passa longe de ser um sistema fechado, fixo e homogêneo. A língua é, na verdade, um sistema heterogêneo e diversificado que possui variações e particularidades que se alteram de falante para falante.

Para Labov (1972), a heterogeneidade é o resultado natural de fatores linguísticos e sociais básicos que condicionam a variação de um idioma de forma sistemática. Trata-se de um sistema diferenciado em que o falante consegue compreender, através de sua competência

linguística, cada uma das variações existentes na língua, mesmo que não tenham o hábito de usá-las frequentemente. Sendo assim, a sociolinguística não se interessa apenas pelo sistema linguístico em si, mas também pelo seu uso em diferentes grupos sociais, buscando mostrar que todas as línguas estão sujeitas a mudanças e adaptações, contrariando a ideia de homogeneidade difundida por gramáticos, já que a língua funciona como elemento de interação entre indivíduo e sociedade.

Bagno (1999) afirma que os gramáticos tradicionalistas insistem em um grave erro linguístico de estudar a língua como uma coisa morta e imutável, sem levar em consideração suas diversificações e as pessoas que a utilizam. Ele complementa dizendo que não se deve acreditar no mito de uma língua única, já que, sendo assim, existirão milhões de falantes sem língua, pois uma enorme quantidade de brasileiros, por exemplo, permanece à margem do domínio da norma culta. O autor chega a comparar a língua com um iceberg em que a norma culta é a parte superficial que fica do lado de fora e flutua na superfície do oceano, já a língua é a parte que fica nas profundezas, na parte oculta, que é justamente a língua viva, com todas as suas particularidades, adaptações, transformada ao longo do tempo, e que é utilizada pela maioria dos falantes, enquanto que a gramática normativa é a menor parte, porém, tende ser autoritária, intolerante e repressiva.

Para a realização deste trabalho serão usados definições e conceitos de Pasquale & Ulisses em “Gramática da Língua Portuguesa” e o site “Norma Culta: Língua Portuguesa em bom Português”, já que para a análise serão considerados: ausência de concordância verbal, regionalismo, colocação pronominal e pleonismo. Em relação ao primeiro tópico, ausência de concordância verbal, Pasquale & Ulisses (2008) defende que o verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Com base na explicação desses autores, é destacado para o segundo tópico, regionalismo, que as variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada, ou seja, as formas regionais da língua portuguesa vêm sendo valorizadas como parte importante da ampla diversidade cultural do país.

Ainda sob o pensamento de Pasquale & Ulisses (2008), vale informar que o terceiro tópico, colocação pronominal, faz referência aos pronomes que são as palavras que representam os seres ou se referem a eles. Essas palavras podem substituir ou acompanhar os substantivos, tornando claro o sentido. Segundo os gramáticos tradicionais, os pronomes pessoais do caso oblíquo devem ser posicionados na frase de modo a respeitar as normas de colocação. E, por

fim, sobre o quarto e último tópico, o site Norma Culta define pleonasmismo como “o uso excessivo de palavras na transmissão de uma ideia, ocorrendo repetição e redundância. Pode atuar como uma figura de linguagem - pleonasmismo literário - ou como um vício de linguagem - pleonasmismo vicioso.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa alvo constituiu-se de um questionário composto por 11 perguntas de autoria dos próprios autores da pesquisa, sob a orientação do professor, com a temática educação. Essas questões foram direcionadas para pessoas do ramo empresarial. A entrevista foi realizada com 3 empresários da cidade de Camocim, que apresentam perfis diversificados, colaborando, assim, para a análise de um discurso rico em particularidades em volta da condição social, da escolaridade e da idade de cada participante.

A análise e a discussão serão baseadas nos discursos adquiridos nas entrevistas, considerando: ausência de concordância verbal, regionalismo, colocação pronominal e pleonasmismo. Diante disso, é de suma importância a contribuição em definições e conceitos de Pasquale & Ulisses em “Gramática da Língua Portuguesa” e o site “Norma Culta: Língua Portuguesa em bom Português”, já citados anteriormente.

A seguir, a análise com base nas conceituações será estabelecida por subtópicos referentes a cada entrevistado de acordo com o material – áudio gravado – da entrevista transcrita. Logo em seguida, o quadro 1 mostra o questionário aplicado durante a entrevista.

- Entrevistado A:

O primeiro entrevistado pela dupla é um empresário renomado em Camocim, trabalha há 3 anos nessa ocupação e tem 30 anos de idade. Natural desse mesmo município reside na zona nobre da cidade, veio de uma família humilde e por não ter concluído o Ensino Fundamental, considera-se analfabeto. Sem saber ler e escrever, o empresário declara que não gostava de estudar, mas que reconhece que a educação é importante para todas as pessoas.

Durante a entrevista, com base nos tópicos analisados, foi perceptível a ausência de concordância verbal em algumas das falas, tais como na 9º pergunta “algumas pessoas que me ajuda” e na 10º pergunta “a gente não samos o primeiro no mundo não”. Visto isso, pode-se atribuir esses desvios e o uso inadequado da palavra “samos” a pouca escolaridade do entrevistado, mesmo não resultando na incompreensão das sentenças e de suas respostas.

O regionalismo está muito presente em sua fala, como na 1º pergunta ao dizer “farrê baderna” referindo-se em ir para a escola apenas para brincar; na 3º ao dizer “pedacim de terreno” declarando, em sua opinião, que o número de escolas construídas pelo governo aumentou consideravelmente por todo o país. Ao contar sobre sua vida pessoal o entrevistado também utiliza “já é o pé” (7º pergunta) explicando sobre a primeira oportunidade, usa “farria de primeiro” (8º pergunta) para destacar sua primeira ocupação profissional, e por fim, uma expressão popular entre os cearenses “muito massa” (11º pergunta) demonstrando admiração pela educação encontrada nas igrejas.

Em relação à colocação pronominal, o entrevistado não faz uso frequente em sua fala, e, ao falar, pode-se notar a adaptação feita quando utiliza o “eu”, como na 9º pergunta “às vezes manda eu assinar algum termo”. Essa ocorrência é justificada pela pouca familiaridade do empresário com assunto gramatical em questão, uma vez que com a efetivação adequada da próclise – o pronome empregado antes do verbo – a sentença seria “às vezes me mandam assinar um termo”. Percebe-se também que, na frase proferida por ele, o pronome “eu” foi usado no lugar do pronome oblíquo “me”. Ademais, é indispensável ressaltar nessa análise a posição do pronome “mim”, na 4º pergunta: “pra mim trabalhar”, inadequação recorrente pela maioria das pessoas de diferentes níveis de escolaridade. Apesar de o pronome “mim” não ter a função de conjugar verbo, essa utilização durante a entrevista não alterou ou gerou dificuldade na compreensão da mensagem repassada pelo entrevistado.

Por fim, o último assunto a ser analisado na entrevista do empresário é o pleonismo, percebe-se que contém pouca ocorrência, mas foi utilizado, por exemplo, na expressão “naquela antiguidade daquele tempo” na 8º pergunta, fazendo referência há 15 anos já passados.

Em suma, nota-se que o entrevistado, durante todo o questionário, possui vícios de linguagens. Alguns desses, tais como “né?” (não é?); “mermo” (mesmo); “num” (não); “mar” (mas/mais), além do uso inadequado do gerúndio ao falar na 3º pergunta: “fazeno”, e na 8º pergunta: “namorano”. Portanto, observa-se que o grau de escolaridade do entrevistado influencia bastante em colocações e em usos de termos na fala, mas a condição profissional o torna comunicativo e desinibido em explicar o assunto diante do questionário.

- Entrevistado B

A segunda entrevistada pela dupla é uma empresária que trabalha há 20 anos nessa ocupação e tem 47 anos de idade. Natural do interior de Camocim, reside na área periférica do município, veio de uma família humilde com 11 irmãos, e diante de muitas barreiras concluiu

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

o Ensino Médio. Mesmo tendo que conciliar estudos e trabalho na juventude, a empresária fala que em momento algum pensou em desistir. “Os estudos são importantes, principalmente para a formação de uma sociedade”, afirma ela.

A empresária concluiu os estudos há mais de 25 anos atrás. Esse afastamento de rotina estudantil e de contato com as regras gramaticais resulta na ausência de concordância verbal em alguns momentos da entrevistada, tais como na 10º pergunta “é muitos fatores, né?” e na 11º pergunta “um local pras famílias se reunir”.

Em relação a regionalismo, ela não deixa tantas expressões evidentes, entretanto, percebe-se o uso excessivo da partícula “né?” na maioria das respostas, bem como a expressão “mermo”. Visto que esses termos são comuns entre as pessoas da região, é indispensável abordar que todos os entrevistados utilizaram essas expressões em suas falas.

Acerca da colocação pronominal, a empresária não faz usos com frequência, porém destacam-se duas utilizações. Na 4º pergunta “com um tempo, pode-se pensar...” é possível ver a efetivação da ênclise, marcada pelo pronome posterior ao verbo. Por outro lado, na 11º pergunta “um local pras famílias se reunir” percebe-se o não cumprimento dessa mesma regra.

Ademais, as falas são desprovidas de pleonasma, com exceção na 5º pergunta: “no meu tempo era restrita e mais pôca a oportunidade”, que repassou a ideia de redundância ao tratar-se das poucas oportunidades da época.

Por fim, diante da entrevista, a empresária mostrou-se segura de suas respostas e adotou uma postura diferenciada, bem como buscou um vocabulário formal ao saber que o questionário seria para fins de uma pesquisa acadêmica e que a fala seria gravada. Por conta disso e de suas noções sobre entrevista e fala, essa análise, em comparação a do Entrevistado A, possui poucas oscilações de inadequação.

- Entrevistado C

A terceira entrevistada pela dupla é uma empresária que trabalha há 19 anos nessa ocupação e tem 42 anos. Natural do Crato, veio de uma família classe média, e atualmente reside e trabalha em Camocim no Bairro Centro. Possui graduação em Fisioterapia e Educação Física, especialização em Saúde do Idoso, Dermato Funcional e Auditoria e Gestão em Sistemas de Saúde. A empresária orgulha-se das suas conquistas, e ressalta “para você conseguir alguma coisa na vida você tem que estudar”.

Ao analisar a entrevista e os usos da fala com base nos tópicos já abordados anteriormente, percebe-se que cada vez que o entrevistado apresenta uma escolaridade mais preenchida, as inadequações e desvios tornam-se menos recorrentes.

Em relação a concordância verbal, nota-se a ausência na 10ª pergunta quando a entrevistada expõe sua opinião sobre os desafios da educação brasileira, “os alunos não respeita”, “os filhos não respeita”. Ou seja, para que tenha concordância entre sujeito e verbo, é necessário que o verbo seja “respeitam”. Entretanto, esse desvio gramatical oral não altera o entendimento da resposta.

Além de empresária, a entrevistada faz palestras em escolas e conferências de sua área, colaborando no afastamento de expressões regionalistas durante as indagações. Ou seja, durante a entrevista, ela se manteve com a fala formal, mesmo contendo alguns desvios como “a rente”, “estudo”, “milhor”. E também o uso inadequado do gerúndio ao falar na 3ª pergunta “faltanu”, “perdenu”.

Seguindo com a análise, a colocação pronominal não é vista com frequência na entrevista, no entanto, destaca-se na 4ª pergunta “você não se prepara melhor, você vai sentir lá na frente” o cumprimento da norma da próclise, marcada pelo pronome antes do verbo.

Além disso, em relação à presença de pleonasma nas respostas, a única observação é na 4ª pergunta: “Porque o estudo quando você estuda”, destacando a importância de dedicar-se aos estudos.

Por fim, durante a entrevista, a empresária mostrou-se segura com as respostas, comunicativa e permitiu que a gravasse em vídeo. O currículo apurado da entrevistada, bem como sua escolaridade a deixa satisfeita em participar de uma pesquisa sobre educação para fins acadêmicos.

Quadro 1 - Questionário aplicado durante a entrevista.

Questionário

01. Quais aspectos de sua experiência profissional foram influenciados pela educação?
02. Como sua educação foi incentivada pela família?
03. Qual a sua percepção sobre a importância da educação atualmente?
04. Quais os prejuízos de deixar os estudos para trabalhar?
05. Como você avalia a educação e a da sua infância?
06. Qual a importância da educação para o mercado de trabalho?
07. Quais vantagens uma pessoa escolarizada possui no mercado de trabalho em relação a uma pessoa não escolarizada?
08. Qual a influência da educação na escolha de sua profissão?
09. Como seu nível de escolaridade e formação educacional influenciam no modo como você é visto (a) na sociedade?
10. Quais desafios à educação brasileira precisam enfrentar para ter um ensino de excelente qualidade?
11. Além da escola, quais ou outros espaços sociais também podem ser educacionais?

Fonte: Arquivo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, observou-se a complexibilidade de analisar uma língua na forma da fala, tendo em vista sua diversidade linguística e os traços específicos de cada falante. Deve-se levar em conta que seu uso depende de uma série de fatores sociais, culturais e situacionais, o que torna esse estudo indispensável para constatar a variabilidade dentro do discurso de indivíduos que residem em uma mesma cidade e atuam na mesma profissão.

Durante a pesquisa, foi perceptível a influência das condições sociais e educacionais de cada um dos entrevistados no seu falar em situação de entrevista. É interessante destacar que o preconceito linguístico estava presente, inclusive, na fala dos empresários, que se preocupavam com sua oratória e com o uso de palavras rebuscadas e cultas, na tentativa de demonstrar um maior domínio da língua. Entretanto, o nível de escolaridade de cada um foi fator crucial no

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

desenvolver do seu discurso e, conseqüentemente, na análise da fala. Constatando-se, assim, a influência de fatores sociais nos desvios gramaticais e inadequações em suas respostas, o que desencadeou a análise com base nos tópicos sociolinguísticos propostos pelo referido trabalho.

O Brasil é um país miscigenado marcado pela pluralidade linguística e carregado de heranças culturais, tornando-se um exemplo ideal para mostrar como uma língua pode possuir variações dentro de um mesmo idioma. Por fim, teoria e prática são relacionadas através da aplicação do questionário e da obtenção e análise das respostas. É válido ressaltar novamente que a língua é um sistema heterogêneo e que, por isso, possui constantes variações. Sendo assim, jamais deve ser vista como algo imutável e sem vida.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico o que é, e como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

LABOV, William. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

PASQUALE; ULISSES. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Scipione, 2008.

NEVES, Flávia. Pleonasma: significado e exemplos. Disponível em: <<https://www.normaculta.com.br/pleonasma/>> Acesso em 09/03/2019